A INFÂNCIA E A LUDOPEDAGOGIA NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

GERLANDI ALVES GOMES

RESUMO
A infância é uma das fases mais prazerosas, pois brincar combina imaginação e realidade simultaneamente. As crianças inicialmente exploram o mundo ao seu redor através dos brinquedos: primeiramente no ambiente familiar, depois na escola ou em outros ambientes sociais. Por meio dessa vivência lúdica, as crianças começam a interagir com os brinquedos, objetos em geral e com as pessoas com quem convivem. A partir disso, a criança começa a adquirir conhecimento sobre o mundo, socializando-se. Por essa razão, a ludicidade está presente na Educação Infantil e é considerada uma metodologia que facilita o desenvolvimento das crianças, pois desenvolve aspectos cognitivos, emocionais e motores enquanto a criança aprende brincando com as outras. Jogos e brincadeiras promovem o desenvolvimento pleno das crianças, abrangendo aspectos como socialização, carinho, cuidado, entre outros. É importante lembrar que a Educação Infantil é a etapa de ensino que mais facilita a utilização dessa metodologia. O objetivo geral deste artigo é discutir sobre a ludopedagogia e, como objetivos específicos, suas contribuições para o desenvolvimento das crianças durante esta etapa escolar. A metodologia utilizada foi qualitativa, com o propósito de discutir a concepção de diferentes autores sobre o tema. Os resultados indicaram que o uso da ludicidade facilita a aprendizagem e desenvolve diversas habilidades nas crianças.

Palavras-chave: Ludopedagogia; Educação Infantil; Desenvolvimento Infantil.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil tem sido objeto de intensos debates ao longo do tempo. Políticas públicas foram desenvolvidas para reestruturar esse ensino, valorizando a criança, as competências e habilidades necessárias para cada faixa etária, a formação continuada dos professores, e a inclusão e valorização do brincar na vida das crianças.

O desenvolvimento infantil ocorre principalmente entre 0 e 5 anos de idade. Inicialmente, a criança começa a socializar com o mundo ao seu redor através da família, e, por meio da escola, essas relações sociais são ampliadas, permitindo que as crianças descubram novas realidades e experiências diferentes das suas.

A legislação passou por mudanças que transformaram a concepção de ensino na Educação Infantil. Agora, reconhece-se que a criança pode aprender brincando enquanto compartilha experiências com os colegas, aprendendo a dividir espaços e a se sentir pertencente a eles, ouvindo e respeitando diferentes opiniões. Esse é um dos propósitos implícitos na ludicidade, através do uso de jogos e brincadeiras.

A problemática reside no fato de que brincar sozinho, embora desenvolva a criança, difere dos resultados obtidos quando a criança interage com outras de sua faixa etária. Ao conviver e experienciar a vida em sociedade, muitas crianças desenvolvem criticidade e empatia pelos colegas.

Assim, uma criança que brinca sozinha pode desenvolver a imaginação, mas, ao interagir e brincar na escola, ela passa a desenvolver outros aspectos, como as relações cognitivas, conforme as experiências vivenciadas com os demais.

A ludicidade abrange atividades livres que podem ser realizadas individualmente ou em grupos, mas só são consideradas lúdicas quando a criança opta por participar.

Ações pedagógicas reflexivas constroem um conjunto de experiências que capacitam os professores a desenvolverem um trabalho que valoriza a criança em suas múltiplas especificidades. Portanto, a ludopedagogia é crucial para desenvolver diversos aspectos cognitivos, psicossomáticos, psicológicos, psiconeurológicos e psicoterapêuticos.

O objetivo geral deste estudo é discutir a ludopedagogia e, como objetivos específicos, suas contribuições para o desenvolvimento das crianças durante esta etapa escolar.

SOBRE A INFÂNCIA

Brincar é uma necessidade básica da criança,

assim como a nutrição, a saúde, a moradia e a educação, essenciais para o dsenvolvimento infantil. Para manter o equilíbrio mental e corporal, as crianças precisam brincar, jogar, criar e inventar. Essas atividades têm se tornado cada vez mais importantes à medida que são desenvolvidas, reinventadas e construídas.

A criança é, antes de tudo, um ser feito para brincar. O jogo, eis aí um artifício que a natureza encontrou para levar a criança a empregar uma atividade útil ao seu desenvolvimento físico e mental. Usemos um pouco mais esse artifício, coloquemos o ensino mais ao nível da criança, fazendo de seus instintos naturais, aliados e não inimigos (ROSAMILHA, 1979, p. 77).

Ao longo dos séculos, a criança era vista como um ser insignificante. Ariès (1981) destaca isso em sua obra, observando que a infância era desvalorizada, pois, para a sociedade, as crianças simplesmente não existiam. Diferentemente dos dias atuais, a criança agora é vista como um ser múltiplo que necessita de cuidados para desenvolver os aspectos cognitivos, emocionais e psicológicos.

Naquela época, a criança era considerada um adulto em miniatura, sem a necessidade de cuidados especiais. Para a sociedade, o mais importante era que ela se tornasse adulta para ser incorporada ao mercado de trabalho. No século XVII, houve uma mudança significativa na sociedade.

As relações se tornaram mais concretas e a família começou a observar as crianças sob um novo olhar. Os cuidados passaram a ser diferentes e a responsabilidade de educar a criança foi transferida das famílias para tutores. A educação fornecida pelas famílias foi substituída pela educação nas escolas (Ariès, 1981).

Além disso, segundo o autor, a educação era oferecida apenas para crianças do sexo masculino. Foi somente a partir do século XVIII que as meninas começaram a frequentar os sistemas de ensino. Iniciou-se também uma distinção entre as classes, com a burguesia e a aristocracia recebendo privilégios educacionais em detrimento das demais classes da sociedade.

Dois séculos depois, surgiu um movimento internacional em favor das crianças. Mais especificamente, em 10 de dezembro de 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi aprovada em uma Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas. Seu contexto inclui as seguintes ideias;

No campo da Psicologia, percebe-se que, além da genética, o ato de brincar é essencial para o desenvolvimento psicossocial do ser humano. Através dos brinquedos, a criança desenvolve emoções, criatividade, raciocínio e compreende o mundo: “Brincar é a fase mais importante da infância - do desenvolvimento humano neste período - por ser a autoativa representação do interno - a representação de necessidades e impulsos internos” (WAJSKOP, 1995, p. 68).

Ao brincar, a criança se torna mais independente, valoriza sua cultura popular, desenvolve habilidades motoras, exercita sua imaginação e criatividade, socializa-se e interage com o mundo ao seu redor. São essas emoções que ela precisa desenvolver para construir seu conhecimento (MOSÉ, 2013).

Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e viverem no mundo é um dos grandes desafios da Educação Infantil. Embora o conhecimento adquirido com a Psicologia, a Sociologia e a Antropologia sejam de grande valor para revelar o universo das crianças, suas características permanecem únicas.

A literatura especializada no crescimento e desenvolvimento infantil acredita que o ato de brincar em si é uma atividade que requer tempo e espaço, uma prática saudável composta por vivências culturais, pois promove o crescimento, constrói relações e pode ser uma forma de comunicação consigo mesmo e com os outros através do convívio saudável (MOSÉ, 2013).

A Educação apresenta muitos desafios. Muito já se pesquisou, escreveu e discutiu, mas esse tema é sempre atual e essencial porque seu foco principal está nas pessoas. Portanto, pensar em Educação é pensar no ser humano como um todo.

Não queremos uma escola cuja aprendizagem esteja centrada nos homens de “talentos”, nem nos gênios, já rotulados.

O mundo está cheio de talentos fracassados e de gênios incompreendidos, abandonados à própria sorte. Precisamos de uma escola que forme homens, que possam usar seu

conhecimento para o enriquecimento pessoal, atendendo os anseios de uma sociedade em busca de igualdade de oportunidade para todos (RESENDE, 1999, p. 42-43).
Os professores devem orientar os alunos a construírem seu próprio conhecimento, pois, tanto educandos quanto educadores, precisam estar mobilizados e engajados no processo. Sem esse engajamento mútuo, não há possibilidade de ensino (BARRETO, 1998).
Se considerarmos o conhecimento como uma representação psicológica, é essencial compreender que ensinar é um convite à exploração e descoberta. Aprender a pensar sobre diferentes tópicos é muito mais importante do que memorizar fatos e números.
Sneyders (1996) sugere que a pedagogia, em vez de se manter como sinônimo de teoria de como ensinar e aprender, deve transformar a educação em um desafio, propondo situações que estimulem a atividade reequilibradora da criança e a tornem construtora de seu próprio conhecimento.
As escolas, como um todo, precisam repensar suas práticas para garantir que todas as crianças tenham acesso às mesmas oportunidades, evitando a segregação. A educação está passando por momentos de transformação em que todos devem ser atendidos sem distinção, desenvolvendo diferentes competências e habilidades e respeitando as especificidades de cada indivíduo.
Outra questão importante é evitar discriminação ou desigualdade nas brincadeiras, pois, nas escolas, existem relações tradicionais de gênero que podem interferir negativamente na formação da identidade da criança. Por isso, é necessário desconstruir certos preconceitos.
A experiência de meninas e meninos na educação infantil pode ser considerada como um rito de passagem contemporâneo que antecipa a escolarização, por meio da qual se produzem habilidades. O minucioso processo de feminilização e masculinização dos corpos, presente no controle dos sentimentos, no movimento corporal, no desenvolvimento das habilidades e dos modelos cognitivos de meninos e meninas está relacionado à força das expectativas que nossa sociedade e nossa cultura carregam.
Esse processo reflete-se nos tipos de brinquedos que lhes são permitidos e disponibilizados: para que as crianças "aprendam", de maneira muito prazerosa e mascarada, a comportasse como "verdadeiros" meninos e meninas (FINCO, 2007, s/p).
No universo infantil, as relações de significado também são aprendidas através das práticas educativas de gênero, mostrando muitas maneiras de ser menina ou menino sem a necessidade de categorizá-los.
A escola desempenha um papel importante nesse processo, pois é possível iniciar mudanças de atitudes em relação aos brinquedos e brincadeiras a partir dela. Esses modos e costumes vêm sendo transmitidos há séculos e não mudam de um dia para o outro.
Por isso, o ponto de partida para essas mudanças deve ser a escola, utilizando, por exemplo, a ludicidade. Os jogos e as brincadeiras não são inatos ao ser humano e sim desenvolvido entre eles. A criança está inserida, desde o seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por essa imersão inevitável:

A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura. É preciso partir dos elementos que ela vai encontrar em seu ambiente imediato, em parte estruturado por seu meio, para se adaptar às suas capacidades. A brincadeira pressupõe uma aprendizagem social. Aprende-se a brincar. A brincadeira não é inata, pelo menos nas formas que ela adquire junto ao homem. A criança pequena é iniciada na brincadeira por pessoas que cuidem dela, particularmente sua mãe (BROUGÈRE, 2010, p. 104).

BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
A ludopedagogia é uma importante ferramenta na Educação Infantil. No Brasil, ela começou a ser incorporada nessa etapa com a implementação da Escola Nova, em uma tentativa de substituir o ensino tradicional aplicado até então. No ensino tradicional, a ludicidade era vista como um conjunto de atividades que não contribuíam para o desenvolvimento das crianças, servindo apenas para passar o tempo.
Como estratégia pedagógica, a ludicidade passou a ganhar importância a partir das diversas discussões sobre a Educação. Nessa fase, as

crianças estão se descobrindo e explorando o mundo ao seu redor e, ao frequentar a escola, começam a se socializar não só através da família, mas também através das relações no convívio escolar e nas novas descobertas e experiências vivenciadas.

Nesse contexto, as escolas precisam garantir uma rotina diversificada de experiências, possibilitando a exploração de materiais diversos e considerando as necessidades coletivas e individuais das crianças. Outro fator importante é a escuta. A escola precisa desenvolver práticas e habilidades de escuta em relação aos pais, responsáveis e às próprias crianças, para que o professor seja visto como alguém em quem eles podem confiar e com quem podem conversar.

Criar laços significativos melhora o desenvolvimento da criança e a qualidade do ensino: "As expectativas dos pais tendem a aumentar a importância que os filhos dão à escola. Isso pode fazer muita diferença" (OLIVEIRA, 2013, s/p.).

Documentos mais antigos, como o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), já traziam orientações sobre as competências e habilidades que deveriam ser trabalhadas: "Nesta modalidade de educação, as crianças devem ser estimuladas através de atividades lúdicas e jogos, a exercitar as capacidades motoras, a fazer descobertas e a iniciar o processo de alfabetização" (BRASIL, 1998, p.32).

O documento também discute a atuação docente, ressaltando a importância da pesquisa, seleção e desenvolvimento de atividades corporais, compreendendo seu caráter lúdico e expressivo. Situações que contemplem o desenvolvimento de aspectos específicos do ponto de vista corporal e motor são fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças (BRASIL, 1998).

Até então, existiam poucos documentos norteadores para a Educação Infantil, entre eles o RCNEI e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI). Com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), criada para unificar o ensino em todas as regiões do país, surgiram os direitos de aprendizagem voltados para essa etapa do ensino: conhecer, conviver, participar, brincar, explorar e expressar. Para que esses direitos se concretizem efetivamente, é necessário que o professor desenvolva experiências a partir dos aspectos fundamentais ao longo do processo.

A criança no contexto escolar envolve tanto singularidades quanto pluralidades, e o protagonismo infantil contribui para que as crianças possam se libertar das amarras estabelecidas, sem necessidade de desobedecer para garantir seu protagonismo:

> [...] compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e as brincadeiras como eixos estruturantes (BRASIL, 2018, p. 42).

Silva e Urt (2014) discutem que, na Educação Infantil, o brincar pode se tornar uma das principais ferramentas de ensino, pois, nessa fase, as crianças costumam demonstrar maior curiosidade, desenvolvendo a criatividade e outras habilidades cognitivas.

A unidade temática Brincadeiras e jogos explora aquelas atividades voluntárias exercidas dentro de determinados limites de tempo e espaço, caracterizadas pela criação e alteração de regras, pela obediência de cada participante ao que foi combinado coletivamente, bem como pela apreciação do ato de brincar em si (BRASIL, 2018).

As brincadeiras e jogos facilitam o processo de ensino e aprendizagem, possibilitando que a criança encontre seu verdadeiro eu e reconheça a existência do outro. É fundamental que as brincadeiras estejam presentes, mas o que realmente importa é que a criança queira participar dessas atividades, aprendendo a conviver, a enfrentar situações difíceis, a desenvolver autonomia e empatia, além de aprender a dividir e respeitar as diferenças. Elas devem ser agradáveis e contribuir para o desenvolvimento de diversos aspectos cognitivos. Os professores devem proporcionar momentos de brincadeira em todas as fases do desenvolvimento infantil, possibilitando perspectivas construtivas, criativas, imaginárias e ao mesmo tempo reais. No lúdico, a criança constrói novos conceitos e supera dificuldades, desenvolvendo principalmente o prazer em aprender (Assis, 2018).

O professor deve também utilizar atividades corporais para observar as expressões da motricidade infantil, compreendendo seu

caráter lúdico e expressivo. Aprofundar atividades que contemplem aspectos específicos do desenvolvimento corporal e motor é fundamental para o desenvolvimento da criança (Brasil, 1998).
A escola deve resgatar a cultura popular para preservar o valor cultural de toda a sociedade. Reconhecer os jogos populares como uma série de convenções é a base do conhecimento e da diversão. Criar espaços de participação nas relações sociais é crucial para a compreensão da cultura popular como um todo (Aberastury, 1982).
Vygotsky (2011) compreende que a ludicidade influencia significativamente o desenvolvimento da criança, sendo necessária a intervenção do docente para mediar as regras e limites de cada um. O uso de brincadeiras na Educação Infantil estimula avanços no desenvolvimento integral da criança, o que ele denomina Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).
Ou seja:
Resgatar a história das brincadeiras infantis tradicionais, como expressão da história e da cultura, pode nos mostrar estilos de vida, modos de pensar, sentimentos e palavras, principalmente jogos e métodos interativos. Viva o presente no passado e configure-se no presente (FANTIN, 2000, s/p.).

A utilização de determinados jogos pode resgatar tradições e promover o desenvolvimento global das crianças. Trazendo jogos e brincadeiras que fizeram parte da vida dos próprios familiares, contribui-se para a difusão de diferentes culturas, dando continuidade ao processo cultural.
É necessário fazer um paralelo entre as brincadeiras tradicionais e as atuais, observando o desenvolvimento dessas atividades para considerar aspectos fundamentais para o crescimento integral das crianças. Resgatar jogos e brincadeiras não só gera conhecimento, mas também preserva a cultura de grupos específicos.
Outra questão destacada por Nhary (2006) é que a ludicidade também contribui para a inclusão de estudantes com deficiência. O uso de atividades lúdicas é importante para o desenvolvimento dessas crianças, pois, ao brincar, elas podem participar de atividades em grupo, respeitando suas capacidades físicas, intelectuais e sociais.
Além disso, a participação das crianças durante as brincadeiras fornece dados importantes sobre seu desenvolvimento. O brinquedo ajuda as crianças a reconhecerem regras, incentivando o ato de brincar: “A ludicidade constitui um traço fundamental das culturas infantis. Brincar não é exclusivo das crianças, é próprio do homem e uma de suas atividades sociais mais significativas” (RESENDE, 2018, s/p).
Nesse sentido:

As atividades lúdicas possibilitam fomentar a resiliência, pois permite a formação do autoconceito positivo. As atividades lúdicas possibilitam o desenvolvimento integral da criança, já que através destas atividades a criança se desenvolver efetivamente, convive socialmente e opera mentalmente; O brinquedo e o jogo são produtos de cultura e seus usos permitem a inserção da criança na sociedade; Brincar é uma necessidade básica assim como é a nutrição, a saúde, a habitação e a educação; Brincar ajuda a criança no seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social, pois, através das atividades lúdicas, a criança forma conceitos, relaciona ideias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades sociais, reduz a agressividade, integra-se na sociedade e constrói o seu próprio conhecimento; O jogo é essencial para a saúde física e mental; O jogo simbólico permite à criança vivências do mundo adulto e isto possibilita a mediação entre o real e imaginário (SANTOS, 2000, p. 20).

A Educação Infantil precisa abranger todos os aspectos do desenvolvimento infantil para que as crianças possam avançar para outras etapas com segurança e autonomia.
Ao brincar, a criança aprende a dominar seus medos: "[...] O brinquedo permite à criança vencer o medo aos objetos, assim como vencer o medo aos perigos internos; faz possível uma prova do mundo real, sendo por isso uma ‘ponte entre a fantasia e a realidade” (KLEIN apud ABERASTURY, 1982, p. 48).
A ludicidade deve proporcionar prazer à criança, pois, através dos jogos e brincadeiras, ela se desenvolverá de forma plena: “Quando brinca, a criança se prepara para a vida, pois é através de sua atividade lúdica que ela entra em contato com o mundo físico e social, bem como entende como as coisas são e como

funcionam" (ZANLUCHI, 2005, p. 89).
Assim, a ludicidade deve estar presente na vida da criança e ser explorada ao longo de toda a Educação Infantil.

LUDOPEDAGOGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

A ludopedagogia é uma abordagem educacional que utiliza o jogo e a brincadeira como ferramentas centrais para promover a aprendizagem e o desenvolvimento integral das crianças. Baseada em princípios lúdicos, essa metodologia reconhece a importância do brincar no processo de construção do conhecimento, integrando aspectos cognitivos, emocionais, sociais e físicos.
A ludopedagogia se fundamenta na ideia de que a aprendizagem pode ser mais eficaz e prazerosa quando incorporada em atividades lúdicas. Essa abordagem valoriza o protagonismo da criança, permitindo que ela explore, descubra e aprenda por meio da interação com o ambiente e com os outros.
Entre seus princípios básicos estão: aprendizagem significativa; desenvolvimento holístico; autonomia e protagonismo; e interação social.
Nesse sentido, ela facilita o desenvolvimento cognitivo ao proporcionar atividades que estimulam a curiosidade e o pensamento crítico. Jogos educativos e brincadeiras estruturadas ajudam a desenvolver habilidades como a memória, a atenção, a resolução de problemas e o raciocínio lógico. Estudos mostram que o aprendizado por meio de jogos pode melhorar o desempenho acadêmico e a capacidade de retenção de informações (GOSWAMI, 2015).
A ludopedagogia também desempenha um papel crucial no desenvolvimento emocional das crianças. Através do jogo, as crianças expressam e compreendem suas emoções, desenvolvendo a autorregulação e a empatia. Atividades lúdicas oferecem um ambiente seguro para experimentar e lidar com diferentes sentimentos, promovendo a resiliência emocional (BODROVA e LEONG, 2007).
O ambiente lúdico facilita a interação social, permitindo que as crianças desenvolvam habilidades como a comunicação, a cooperação e a resolução de conflitos. Jogos em grupo e brincadeiras coletivas incentivam o trabalho em equipe e a compreensão das normas sociais, essenciais para a construção de relações saudáveis (VYGOTSKY, 1978).
A ludopedagogia também contribui para o desenvolvimento físico, promovendo a coordenação motora, a força e a agilidade através de atividades que envolvem movimento. Brincadeiras ao ar livre e jogos que exigem atividade física ajudam a desenvolver habilidades motoras grossas e finas, além de promover a saúde e o bem-estar físico (PELLEGRINI E SMITH, 1998).
A ludopedagogia oferece uma abordagem rica e multidimensional para a educação infantil, reconhecendo o valor do jogo e da brincadeira no desenvolvimento integral das crianças. Ao promover um ambiente de aprendizagem significativo e prazeroso, ela não apenas apoia o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico, mas também prepara as crianças para enfrentar os desafios futuros de maneira criativa e colaborativa.
Investir nesse tipo de prática é, portanto, investir no potencial completo das crianças, garantindo uma educação que respeita e valoriza a essência lúdica da infância.
Nesse sentido, jogos e brincadeiras são componentes fundamentais no desenvolvimento infantil, desempenhando papéis críticos no crescimento cognitivo, emocional, social e físico das crianças. Através dessas atividades, as crianças exploram o mundo ao seu redor, aprendem novas habilidades e constroem relações significativas.
Os jogos e brincadeiras estimulam a cognição infantil de diversas maneiras. Jogos de tabuleiro, quebra-cabeças e atividades lúdicas que envolvem problemas matemáticos e de linguagem ajudam a desenvolver habilidades como memória, concentração e pensamento crítico. Um estudo conduzido por Berk (2006) aponta que atividades lúdicas são essenciais para o desenvolvimento da função executiva, que inclui planejamento, organização e tomada de decisões.
Brincadeiras permitem que as crianças expressem e compreendam suas emoções. Jogos de faz-de-conta, por exemplo, ajudam as crianças a explorarem diferentes papéis e situações, promovendo o autoconhecimento e a empatia. Segundo um estudo de Ginsburg (2007), o brincar livre é crucial para a saúde emocional, ajudando as crianças a lidarem com o estresse e a construir resiliência.
Os jogos e brincadeiras também são vitais para o desenvolvimento social. Atividades em

grupo, como jogos de equipe e brincadeiras de cooperação, incentivam a comunicação, a colaboração e a resolução de conflitos. Vygotsky (1978) destacou que o jogo social é essencial para a internalização de normas sociais e para o desenvolvimento de habilidades interpessoais.

Brincadeiras que envolvem movimento, como correr, pular e escalar, são fundamentais para o desenvolvimento físico das crianças. Essas atividades melhoram a coordenação motora, a força e a agilidade. Pellegrini e Smith (1998) observaram que o jogo ativo é crucial para o desenvolvimento motor e para a promoção da saúde física, prevenindo problemas como a obesidade infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Infantil representa uma fase crucial no desenvolvimento das crianças, marcada pela descoberta e exploração do mundo ao seu redor. Esse período abrange o desenvolvimento infantil desde o nascimento até os 5 anos de idade.

Inicialmente, as crianças começam a socializar-se no ambiente familiar e posteriormente na escola, onde ocorre uma ampliação significativa das relações sociais, incluindo a convivência com adultos e outras crianças que não faziam parte de seu círculo pessoal.

A ideia de que as crianças aprendem brincando foi confirmada por diferentes pesquisadores. Os resultados demonstram que a utilização de atividades lúdicas na Educação Infantil é não apenas necessária, mas contribui de maneira significativa para o desenvolvimento integral das crianças

Portanto, a ludicidade na Educação Infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças. É durante esta fase que elas têm a oportunidade de desenvolver habilidades para resolver problemas e explorar o mundo ao seu redor de maneira segura e estimulante.

Os jogos e brincadeiras são essenciais para o desenvolvimento integral das crianças, promovendo habilidades cognitivas, emocionais, sociais e físicas. Incorporar uma variedade de atividades lúdicas no cotidiano infantil é fundamental para garantir um crescimento saudável e equilibrado. Pais, educadores e cuidadores devem reconhecer e valorizar a importância dessas atividades, proporcionando ambientes ricos e estimulantes onde as crianças possam explorar, aprender e se desenvolver plenamente.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. Psicanálise da Criança: Teoria e Técnica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

ARIÈS, P. História Social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ASSIS, O.Z.M.A. Anais do I Seminário Internacional Educação para o século XXI. FE/Unicamp, 2018. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/eventos/educacaolpg2017/arquivos/anais.pdf. Acesso em: 30 abr. 2024.

BARRETO, S.J. Psicomotricidade: educação e reeducação. Blumenau: Odorizzi, 1998.

BERK, L.E. Child Development. Pearson, 2006.

BODROVA, E.; LEONG, D.J. Tools of the Mind: The Vygotskian Approach to Early Childhood Education. Pearson, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília, MEC/SEF, 1998. vol. 2.

BROUGÈRE, G. Brinquedo e cultura. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FANTIN, M. No mundo da brincadeira: jogo, brincadeira e cultura na Educação Infantil. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FINCO, D. Por uma educação com igualdade de gênero na infância. Mundo da Diversidade da Revista Maringá Ensina, Maringá, ano 2, n. 6, p. 38-39, maio/jul. 2007.

GINSBURG, K.R. The Importance of Play in Promoting Healthy Child Development and Maintaining Strong Parent-Child Bonds. Pediatrics, 2007, 119(1), 182-191.

GOSWAMI, U. Childhood Cognitive Development and Learning. Cambridge University Press, 2015.

MOSÉ, V. A escola e os desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NHARY, T.M.C. O que está em jogo no jogo. Cultura, imagens e simbolismos na formação de professores. Dissertação de Mestrado em Educação. UFF. Niterói: RJ, 2006.

OLIVEIRA, Z.M.R. Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2013.

PELLEGRINI, A.D.; SMITH, P.K. The Development of Play during Childhood: Forms and Possible Functions. Child Psychology and Psychiatry Review, 1998, 3(2), 51-57.

RESENDE, C.A. Didática em perspectiva. São Paulo: Tropical, 1999.

RESENDE, D.C.P. A importância da Ludicidade na Educação Especial Inclusiva. Pedagogia em Ação, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, 2018.

ROSAMILHA, N. Psicologia do jogo e aprendizagem infantil. São Paulo: Pioneira, 1979.

SANTOS, M.P. Educação Inclusiva e a Declaração de Salamanca: Consequências ao Sistema Educacional Brasileiro. In Revista Integração, 2000, nº 22, MEC. Secretaria de Educação Especial.

SILVA, J.P; URT, S.C. Educação infantil e avaliação: uma ação mediadora. Nuances: estudos sobre Educação. Presidente Prudente: v. 25, n. 3, p. 56-78, set./dez. 2014.

SNEYDERS, G. Alunos felizes. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

VYGOTSKY, L.S. Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes. Harvard University Press, 1978.

VYGOTSKY, L.S. O desenvolvimento dos conceitos científicos na infância. Cap. 6. Pensamento e linguagem. 2011, p. 93-95. Versão para eBook eBooksBrasil.com. Disponível em: www.jahr.org. Acesso em: 01 mai. 2024.

WAJSKOP, G. Brincar na pré-escola. São Paulo: Cortez, 1995.

ZANLUCHI, F.B. O brincar e o criar: as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação. Londrina: O autor, 2005.